

Europeu e Supraeuropeu: o olhar à distância de Nietzsche¹

European and Over-European: Nietzsche's distant view

Marco Brusotti²

Resumo

O presente ensaio reconstrói um conceito que até então tem recebido pouca atenção: o conceito de 'über-europäisch', de Nietzsche, ('supraeuropeu', 'excessivamente europeu'), em que a Europa é o que tem de ser superado, ultrapassado, deixado para trás. O filósofo já considera *Assim falou Zaratustra* como uma tentativa de uma "visão panorâmica oriental da Europa", mas somente após este poema concentra suas reflexões no 'supraeuropeu'. Seus 'bons europeus' não devem ser apenas 'supranacionais', mas finalmente 'supraeuropeus', ou seja, eles devem ser capazes de, pelo menos ocasional e temporariamente, transcender o horizonte da cultura ocidental. Neste contexto Nietzsche elabora sua crítica da moral europeia após *Zaratustra*. Ele vê na história da Europa, se não uma tradição de superação de limites, pelo menos alguns indivíduos isolados que, por vezes, têm desenvolvido uma forma supraeuropeia de pensar, e define, por sua vez, a tarefa de uma "visão supraeuropeia da Europa". Há algumas razões para que se duvide se ele realmente conseguiu isso, mas sua tentativa pode ser considerada como um modelo do olhar à distância sobre o pensamento ocidental, o qual continua a ser um desafio para a própria Europa.

Palavras-chave: Supraeuropeu; Superação; O olhar à distância.

Abstract

The present essay reconstructs a concept that up until now has received little attention: Nietzsche's concept of 'über-europäisch', ('supra-European', 'over-European'), where Europe is what has to be overcome, gone beyond, left behind. The philosopher already considers Thus Spake Zarathustra as an attempt at an 'oriental overview of Europe', but only after this poem do his reflections concentrate on the 'supra-European'. His 'good Europeans' should not only be 'supra-national', but finally 'supra-European', i.e., they must be able, at least occasionally and temporarily, to transcend the horizon of Western culture. This is the turn Nietzsche gives to his critique of European morals after Zarathustra. In European history he sees, if not a tradition of overcoming boundaries, at least some isolated individuals who at times have approached a supra-European way of thinking, and sets himself the task of a 'supra-European view of Europe'. There are a few reasons to doubt whether he really accomplished it, but his attempt can be considered one model of the distant view on Western thought that remains a challenge for Europe itself. (*sic*)

¹ Tradução de Ellen Caroline Vieira de Paiva, professora de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, bolsista CAPES/BEX – Doutorado no Exterior, estudante de doutorado da Technische Universität Berlin. Título original: "Europäisch und über-europäisch" *Nietzsches Blick aus der Ferne*. Publicado em *Tijdschrift voor Filosofie*, 66ste Jaarg., Nr. 1 (EERSTE KWARTAAL 2004), pp. 31-48

² Professor da Technische Universität Berlin e da Università degli Studi di Lecce (Itália), autor de diversos trabalhos sobre Nietzsche, em especial: *Die Leidenschaft der Erkenntnis. Philosophie und ästhetische Lebensgestaltung bei Nietzsche von Morgenröthe bis Also sprach Zarathustra*. Berlin-New York: W. de Gruyter 1997. E-mail: brusotti@hotmail.com

Keywords: Over-European, Overcoming, The distant view.

“Europeu e supraeuropeu”³, anotou Nietzsche em um caderno de apontamentos que ele usava entre o outono de 1885 e o outono de 1886⁴. O termo “supraeuropeu” faz parte dos diversos usos do conhecido prefixo “über”, com o qual ele sistematicamente precede aquilo que sempre deve ser superado. A figura mais radical da superação é o “além-do-homem”. Nele, o próprio homem é superado. Além de “suprahumano” Nietzsche elabora uma série de adjetivos semelhantes, como “supracristão”, “supranacional”, “supragermânico”, “supraeuropeu” ou ainda “supra-asiático”⁵.

³ Nota da Tradutora (N.T.): Traduziram-se também todas as citações expressas de Nietzsche indicadas pelo autor.

⁴ Friedrich NIETZSCHE, *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*, München: Deutscher Taschenbuch-Verlag, 1980, doravante KSA 12; FP 1885, 2 [36].

⁵ N.T.: No original: „[...] ‘übermenschlich’[...] ‘überchristlich’, ‘übernational’, ‘überdeutsch’, ‘übereuropäisch’ oder auch ‘überasiatisch’.” (cf. BRUSOTTI, op. cit., p.31) Como evidente no texto, à exceção de “além-do-homem” (*Übermensch*) – termo convencionado em grande parte da pesquisa Nietzsche brasileira –, todos os adjetivos precedidos por *über* foram aqui traduzidos com o prefixo *supra*, buscando coesão e coerência com ideias de superação, superioridade, elevação, além. Aqui são ressaltadas referências para fins de comparação do leitor com relação aos seguintes termos: a) “*übermenschlich*”: Verifica-se a tradução desta palavra como “*sobre-humano*” por SOUZA no aforismo 5 de *Por que eu sou um destino, em Ecce Homo* (EH) (Cf. NIETZSCHE, F. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 106). Isto se confirma também na nota 6 da sua tradução do *Zaratustra* (Cf. NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 315. Nas traduções dos póstumos, destaca-se a seguinte frase do fragmento FP 1884 25[80]: “[...] Die übermenschlichen Tugenden sind insociables und ebenso die großen Verbrechen. [...]” Em KOTHE consta a seguinte tradução: “[...] As virtudes supra-humanas são insociables e assim também os grandes crimes. [...]” – *grifou-se*. (Cf. NIETZSCHE, F. *Fragmentos do espólio: primavera de 1884 a outono de 1885*. Seleção, tradução e prefácio de Flávio R. Kothe. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008. p. 19) A mesma frase é traduzida por CASANOVA como: “[...] As virtudes do além-do-homem são insociables, assim como os grandes crimes. [...]” – *grifou-se*. (Cf. NIETZSCHE, F. *Fragmentos póstumos: 1885-1885: volume V*. Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015. p. 23). b) “*überasiatisch*”: A frase “[...] wer wirklich einmal mit einem asiatischen und überasiatischen Auge in die weltverneinendste aller möglichen Denkweisen hinein und hinunter geblickt hat, [...]”, do aforismo 56 de *Além do Bem e do Mal* (BM), é assim traduzida por SOUZA: “[...] quem verdadeiramente, com uma visão asiática e mais que asiática, penetrou o interior e a profundidade daquele que mais nega o mundo, entre todos os modos possíveis de pensar – [...]” – *grifou-se*. (Cf. NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 54); c) os outros termos estão também presentes tanto em obras traduzidas por SOUZA quanto nas traduções dos fragmentos póstumos de KOTHE e CASANOVA. É importante destacar a seguinte frase do FP 1885 41[7], utilizado na argumentação do presente artigo: “[...] Schritt vor Schritt umfänglicher werden, übernationaler, europäischer, übereuropäischer, morgenländischer, endlich griechischer — [...]”. Na tradução de KOTHE, observa-se: “[...] tornar-se passo a passo mais abrangente, mais supranacional, mais europeu, mais supra-europeu, mais ocidental, por fim, *mais helênico* – [...]” (op.cit. p. 592,*sic*) e na tradução de CASANOVA, verifica-se: “[...] tornar-se passo a passo cada vez mais abrangente, mais supranacional, mais europeu, mais supraeuropeu, mais oriental, enfim, *mais grego* – [...]” (op.cit. p. 633.).

O termo “supraeuropeu” surge logo após a escrita de *Assim falou Zaratustra* (ZA)⁶. Sobre a “Europa” e o “europeu” em todo o *Zaratustra* há pouca menção: nas três primeiras partes estas palavras não ocorrem sequer uma única vez – e na quarta apenas em uma canção que, inclusive, apresenta o europeu em terras estrangeiras, “entre as filhas do deserto”, no ‘Oriente’.

De forma diversa [*se dá*] no escrito subsequente, *Além do Bem e do Mal* (BM), onde Nietzsche se refere a si próprio e a seus pares, como “europeus de depois de amanhã”,⁷ como “bons europeus e espíritos livres, muito livres”⁸, critica duramente o europeu de então – este “animal de rebanho”⁹ – e antevê o “europeu do futuro” como uma “nova síntese”¹⁰.

Que o termo “Europa” raramente ocorra no *Zaratustra*, não é, dir-se-á com razão, um detalhe terminológico muito significativo. *Zaratustra* é um poema filosófico, o protagonista é um sábio persa, e a parca ação se passa em uma paisagem oriental. O considerável silêncio sobre a Europa tem a ver com essa atmosfera exótica. Incidentalmente também estão em questão no *Zaratustra*, o cristianismo e seu declínio, o Deus cristão e sua morte, a moral europeia e o niilismo europeu. Pode-se assim argumentar. [*Todavia,*] não farei isso aqui, já que, no presente momento, interessam-me apenas as tentativas de Nietzsche de falar sobre a Europa de forma efetivamente explícita no *Zaratustra*. Ele tenta, apesar das evidentes dificuldades, introduzir a figura do bom europeu logo no quarto *Zaratustra*.

Esta “quarta e última parte” surge apenas após uma longa pausa¹¹. Durante esta pausa literária o tema da Europa e, sobretudo, a figura do bom europeu tornou-se sensivelmente mais importante para Nietzsche. Pode-se facilmente verificar isso nos fragmentos póstumos (FP). Além de um esboço de título como “*Os bons europeus*. Propostas para o cultivo de uma nova nobreza”¹², agora aparecem palavras-chave como “contra o nacional – o bom europeu”¹³ ou

⁶O conceito, contudo, é mais antigo.

⁷ BM 214.

⁸ BM, Prólogo.

⁹ BM 62.

¹⁰ BM 256.

¹¹ Em todo o ano de 1884 Nietzsche não apresenta qualquer publicação nova; ele faz uma espécie de pausa literária, que dura aproximadamente até outubro de 1884 (cf. as notas na Edição Crítica da Obra Completa. *Kritische Gesamtausgabe*, Berlin 1967 et seq., doravante KGW, VII 4/2, p. 57). “Meu Zaratustra está pronto”, escreve ele a seu editor Ernst Schmeitzner em 18 de janeiro de 1884 (*Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe*. München: Deutscher Taschenbuch-Verlag, 1986, doravante KSB 6, n. 479, p. 465); antes de transcrever a terceira parte; e em 25 de janeiro, “em meio à transcrição”, ele confirma esta declaração em uma carta a Overbeck (KSB 6, n. 480, p. 466). A “quarta e última parte” é, estritamente falando, um escrito póstumo. Foi reproduzida em 1885, apenas em impressão privada e foi acessível unicamente a um círculo estreito de leitores. Nietzsche não a integrou à edição de três partes de 1887. Em *Ecce Homo* ele a menciona como “a Tentação de Zaratustra”.

¹² KSA 11; 26[320] / FP 1884 26[320].

¹³ KSA 11; 25[524] / FP 1884 25[524].

“O supranacional, o bom europeu”¹⁴. Não há propriamente *aqui* para Nietzsche qualquer tema novo. Já em *Humano, demasiado humano* (HH I) ele teria expressado que se deveria “simplesmente sem medo declarar-se como bom europeu e trabalhar por meio da ação na fusão das nações” contra o nacionalismo¹⁵. O Nietzsche tardio retoma a expressão “os bons europeus” do ciclo de HH I. Observe-se que até então ele a tinha usado somente aqui¹⁶. Este interesse mais intenso pela Europa estará mais evidente no escrito de aforismos BM. Isto já se demonstra, no entanto, conforme mencionado, durante o trabalho no quarto *Zaratustra*. Alguns esboços se prolongam mais que a versão final. Não obstante isso, tentativas que deixaram apenas poucos vestígios no quarto *Zaratustra* merecem atenção.

O quarto *Zaratustra* apresenta uma série de “homens superiores”, indivíduos isolados que Nietzsche vê se desesperarem na Europa de seu tempo. Todos esses homens superiores são existências fragmentadas. Que eles sejam tipos realmente mais elevados em comparação com os homens médios, só demonstra essencialmente o seu desespero. A locução “o homem superior” tem, portanto, no quarto *Zaratustra*, um significado muito específico: ao contrário dos escritos posteriores de Nietzsche, aqui designa apenas formas niilistas de existência. Em um esquema póstumo, intitulado “*O homem superior*” o filósofo teria elaborado uma “crítica do homem superior”¹⁷ antes da elaboração da quarta parte: tal crítica deveria finalmente definir os traços da representação crítica de tipos individuais (tal como o filósofo, o artista ou o “virtuoso”). Essa crítica dos homens superiores é, ao mesmo tempo, uma crítica do homem europeu. Pois disto decorre o seguinte: “Os europeus imaginam, fundamentalmente, que eles representam agora os homens mais elevados sobre a terra”¹⁸. Esta observação segue o esboço de título “Os bons europeus. Propostas para o cultivo de uma nova nobreza.”¹⁹ Desta forma, estes bons europeus seriam esta futura nobreza, homens realmente elevados, enquanto os europeus de então apenas se imaginariam representar os homens mais elevados. A superioridade filosófica dos europeus revela-se primeiramente como uma imaginação²⁰, quando se compara o pessimismo europeu com o budismo²¹. Nietzsche vê uma outra

¹⁴ KSA 11; 26[297] / FP 1884 26[297].

¹⁵ HH I 475. Sobre os espíritos livres como os bons europeus, cf. *O andarilho e sua sombra* (AS) 87.

¹⁶ Em *Aurora* (A) e em *A Gaia Ciência* (GC) a locução “bom europeu” [ainda] não tinha ocorrido.

¹⁷ KSA 11; 26[318] / FP 1884 26[318].

¹⁸ KSA 11; 26[319] / FP 1884 26[319].

¹⁹ KSA 11; 26[320] / FP 1884 26[320]

²⁰ N.T.: No original, „Einbildung“ (BRUSOTTI, op. cit., p. 34). Embora o primeiro sentido (imaginação) tenha sido indicado no texto, vale também considerar, em uma interpretação ainda mais ampla, os sentidos de ilusão, presunção.

²¹ KSA 11; 25[16] / FP 1884 25[16]. Conforme o aforismo 96 de A, a Europa ainda está distante, “em assuntos religiosos”, da Índia, que com o aparecimento de Buda alcançou esse “estágio da cultura”. (cf. M. BRUSOTTI:

imaginação²² na suposta superioridade moral do cristão e/ou do Ocidente cientificamente e tecnologicamente avançado. “Os europeus *se revelam* pela forma como eles *colonizaram* –“²³. “Característica dos Europeus: a contradição entre palavra e ação: o Oriental é fiel a si mesmo na vida quotidiana. / Como as colônias europeias foram fundadas, comprova sua natureza predatória”²⁴. “Julgar o caráter dos europeus a partir da sua relação [*colonizadora*] com o exterior: extremamente cruel”²⁵. Não se vai esperar de Nietzsche qualquer condenação do colonialismo por razões humanitárias. Contudo, ele desmonta a concepção de que a moral europeia representa o nível mais alto de desenvolvimento da moralidade. Ele quer desmascarar e abalar a autoimagem europeia de então²⁶.

Alguns meses antes do início dos trabalhos no quarto Zarathustra ele teria formulado a firme intenção: “Tenho que aprender a pensar de forma mais oriental sobre filosofia e conhecimento. *Visão panorâmica oriental sobre a Europa*”²⁷. Em 1885, ele recomenda em uma minuta (as três primeiras partes) do *Zarathustra* com as seguintes palavras: “Você já leu o livro mais profundo e mais brilhante, mais austral, e até mesmo mais oriental, que existe?”

„Opfer und Macht. Zu Nietzsches Lektüre von Jacob Wackernagels „Über den Ursprung des Brahmanismus““ in Nietzsche-Studien 22 (1993), pp. 222-242, esp. p. 240 et seq.) O aforismo propõe uma analogia entre o futuro da Europa e o passado da Índia. A Antropologia Evolutiva de Tylor, Lubbock, Spencer e Mannhardt postulou uma escala de desenvolvimento da cultura, que culminou na Europa de então ou até mesmo na Inglaterra vitoriana (veja a nota 20). O aforismo de Nietzsche inverte esse ponto de vista eurocêntrico: Os europeus ainda não alcançaram o “nível cultural” budista “em matéria religiosa”. “Portanto, por mais que a Europa tenha progredido”, como nas ciências (bramanismo), ela ainda está ficando para trás em questões religiosas (e morais) e deve por ora buscar alcançar a Índia antiga. A Europa ainda deve alcançar o esclarecimento indiano. Nietzsche elabora aqui uma espécie de escrita monumental em grande escala da história: o desenvolvimento da cultura indiana como um todo torna-se um modelo, ou pelo menos, uma analogia, para o desejado futuro da Europa. Com isso, ele deixa em aberto o desenvolvimento ulterior: na Índia finalmente apareceu Buda, o mestre de uma religião da auto-redenção. E na Europa? O aforismo de A passa ao largo dessa questão. Ele formula uma analogia da história antiga indiana para futuros desenvolvimentos europeus, estes por fim tomados em escala planetária. – Deve-se aqui meramente observar que no pensamento do Nietzsche tardio o niilismo europeu seria um budismo europeu (e, como tal, o oposto do budismo indiano).

²² N.T.: idem nota 19.

²³ KSA 11; 25[152] / FP 1884 25[152].

²⁴ KSA 11; 25[163] / FP 1884 25[163].

²⁵ KSA 11; 25[177] / FP 1884 25[177].

²⁶ “Coloca-se com terror e veneração diante desses enormes vestígios do que foi o homem uma vez, e tem-se, com isso, tristes pensamentos a respeito da velha Ásia e sua avançada península Europa, que deveras gostaria de representar o “progresso do homem”, em comparação com a Ásia.” (BM 52). Nietzsche não rejeita esta afirmação eurocêntrica somente aqui. Pensadores como Herbert Spencer e antropólogos evolutivos, para os quais a Europa de então representava o pico da escala evolutiva da cultura da humanidade são para ele completamente repugnantes. Para a crítica de Nietzsche ao conceito de uma escala evolutiva da cultura da humanidade, cf. ORSUCCI. *Orient-Okzident. Nietzsches Versuch einer Loslösung vom europäischen Weltbild*, Berlin-New York: W. de Gruyter, 1996. Este livro importante de Orsucci versa sobre implicações interdisciplinares decorrentes de extensos estudos realizados sobre Nietzsche a partir dos anos setenta.

²⁷ KSA 11; 26[317] / FP 1884 26[317].

Perdão, eu considero *Assim falou Zaratustra*, de Friedrich Nietzsche”²⁸. O autor, que recomenda Zaratustra como o mais oriental de todos os livros, considera ter ultrapassado largamente o horizonte ocidental com este trabalho. E uma “*Visão panorâmica oriental sobre a Europa*” faz parte dos objetivos do quarto *Zaratustra*.

Como Nietzsche tenta falar explicitamente sobre a Europa neste texto? E como ele vê a relação entre a Europa e o “Oriente”? Entre os homens superiores que buscam apoio junto a Zaratustra após a morte de Deus, também está a sombra de Zaratustra, um “espírito livre e andarilho”, “sempre a caminho, mas sem um destino, também sem um lar”, “instável, agitado e impelido por todos os ventos”. Como Zaratustra, ele²⁹ derrubou “todos os marcos de fronteiras e imagens” e viveu segundo o lema “nada é verdadeiro, tudo é permitido”. Agora ele procura em vão por seu “lar” e não encontra lugar algum³⁰. Este “[...] andarilho e sombra [...]”³¹ é em parte uma espécie de alter ego de Nietzsche, e precisamente, do Nietzsche dos escritos anteriores sobre os espíritos-livres. Justamente na coleção de aforismos AS, Nietzsche tinha igualado espíritos livres e bons europeus³². Na cópia a limpo, tal capítulo do *Zaratustra* ainda não se chamava “A Sombra”, mas “*Os bons europeus*”. Este apátrida disse explicitamente a Zaratustra, “e tu queres um nome para mim, então me chamo o bom europeu”³³. Inicialmente todas as propriedades da sombra eram, portanto, propriedades do bom europeu: este aqui aparece como supranacional, apátrida, *como uma* existência nômade – e, como já dito, como uma existência desesperada.

No capítulo “A Sombra”, como é finalmente publicado no quarto *Zaratustra*, a palavra “Europa” não ocorre sequer uma vez mais. Alguns capítulos depois, no entanto, na festa de Zaratustra, a sombra canta uma canção intitulada *Entre as filhas do deserto*. É o único texto, em todo o *Zaratustra*, no qual as palavras “Europa” e “europeu” aparecem. A sombra de Zaratustra aparece aqui em um contexto à parte e supraeuropeu, em um cenário exótico. Ele [*a sombra*]³⁴ se lembra de um único lugar onde respirou um ar tão bom como junto a

²⁸ KSB 7; n. 574, p. 13/ Carta endereçada a Marie Köckert, em fevereiro de 1885. Em meados de fevereiro 1885, quando Nietzsche assenta essa minuta de carta em Nice, a “quarta parte” já está pronta, mas ele ainda a considera a primeira parte de “Meio-dia e eternidade” e não como um quarto *Zaratustra*.

²⁹ N.T.: Nesta tradução optou-se por empregar o pronome “ele”, no masculino, em concordância com o gênero da palavra sombra em alemão, *der Schatten*. Hermeneuticamente, também se observa o gênero masculino no contexto do *Zaratustra*, bem como da canção cantada pela sombra de Zaratustra.

³⁰ Cf. ZA IV, *A sombra*, KSA 4, p. 339 et seq.

³¹ ZA IV, *O despertar*, KSA 4, p. 386.

³² Cf. WS 215/ AS 215.

³³ KGW VI 4, p. 659. Desde o princípio, os projetos e esboços para este capítulo vinham acompanhados do título “Os bons europeus”.

³⁴ N.T.: Idem nota 29.

Zaratustra. Ele estava “*Entre as filhas do deserto*”, entre as “meninas do Oriente”; “junto a elas havia igualmente o bom e claro ar oriental!; lá eu estava o mais distante possível da nublada, úmida, melancólica Velha Europa!”³⁵ Como um europeu, a sombra é um questionador, ele vem “da Europa / Que é mais cética do que todas as mulheres casadas.”³⁶ Ele começa e termina sua canção “como um leão moral”, com uma irônica evocação à “Dignidade! Dignidade virtuosa! Dignidade europeia!” “Pois o rugido da virtude [...] / é maior que / todo fervor europeu, voracidade europeia! / E aqui estou, / Como europeu, / “Não posso fazer diferente, / Que Deus me ajude! Amém!” Melancolia, dúvida e moral são considerados nesta canção como *coisas* tipicamente europeias. Não sem ironia, a sombra confessa com o refrão a sua moralidade Europeia, justo ela, que viveu temporariamente segundo o famoso lema: “Nada é verdadeiro! Tudo é permitido!” Mas este mote é para Nietzsche apenas a consequência última daquela moralidade, e a sombra expressa sua moral Europeia com um ditado niilista, com a igualmente famosa advertência: “O deserto cresce: ai daquele que abriga desertos!” Quem abriga desertos é o próprio “europeu” e com ele todas os homens superiores que pedem ajuda a Zaratustra e vão ter com ele³⁷. Sua vinda é um sinal do grande cansaço também anunciado pelo adivinho: “Tudo é igual, nada vale a pena, o mundo é sem sentido, o conhecimento sufoca”³⁸. A sombra escapa temporariamente da Europa no mencionado oásis da canção e na caverna de Zaratustra; ele pode [*assim*] olhar retroativamente de longe para a Europa. A canção pode muito bem terminar com a advertência ameaçadora: “O deserto cresce: ai daquele que abriga desertos!”³⁹ Apesar disso, ela [*a canção*] desperta alegria geral nos homens superiores reunidos na caverna de Zaratustra. Zaratustra vê nesta canção um sinal de que “o espírito de gravidade”, seu “velho inimigo”, se enfraquece. Enfraquece-se a melancolia, que permeia a sombra, bem como a Europa.

Dois reis também se integram aos homens superiores. Em uma preliminar da “*Conversa com os reis*”, um deles se dirige a Zaratustra com as palavras, “se tu és como um sábio que vem do Oriente: então te consideramos o melhor europeu”. (Pois tu ris do nosso povo e da servidão do povo e falas : o mau cheiro fica no caminho!)⁴⁰ Entrementes Nietzsche teria aparentemente considerado estilizar o próprio Zaratustra como um europeu exemplar, caracterizando-o não apenas como um bom, mas também como o melhor europeu. Zaratustra

³⁵ ZA IV, *Entre as filhas do deserto*, KSA, 4, p. 380.

³⁶ ZA IV, *Entre as filhas do deserto*, KSA, 4, p. 381; *ibidem*, p. 383.

³⁷ Não apenas a sombra, mas também os outros homens superiores representam tipos europeus contemporâneos.

³⁸ ZA IV, O grito de *socorro*, KSA, 4, p. 300.

³⁹ ZA IV, *Entre as filhas do deserto*, KSA, 4, p. 380; *ibid.*, p. 385.

⁴⁰ KGW VI 4, p.573.

é, portanto, o melhor europeu, porque ele não leva a sério o Estado nacional e a submissão por ele exigida. Nisto, entretanto, ele pouco se diferencia do bom europeu “simples”. Portanto, a expressão “o melhor europeu” não caracteriza uma precisa diferença conceitual da locução “bom europeu”. Ela é apenas a sua hipérbole.

Zaratustra é o melhor europeu, sua sombra o bom europeu. Ambos são caminhantes, mas apenas a sombra é fragilizada por sua apatridia. Zaratustra é ele próprio a sua própria pátria, sua solidão é o seu lar⁴¹. Em ambos os casos, ocorre simultaneamente um encontro entre o europeu e o oriental. Mas enquanto a sombra de Zaratustra permanece sendo um europeu, mesmo no exterior, Zaratustra é um dos melhores europeus e um sábio “do Oriente”. Ele é, ao mesmo tempo, um fenômeno europeu e supraeuropeu. Por fim, Nietzsche abandona qualquer declaração explícita sobre esta dupla natureza de Zaratustra. Pode-se, todavia, ler o quarto *Zaratustra* como tentativa de uma visão oriental sobre a Europa⁴².

Até que ponto Zaratustra preenche os requisitos desta afirmação? Em uma minuta já citada Nietzsche se referiu às três partes do *Zaratustra* como “o livro mais profundo e mais brilhante, mais austral, e até mesmo mais oriental [...] que existe”⁴³. “Oriental” aparece aqui em comparação com “austral” como uma elevação, um próximo nível. Sul e Oriente [*significam algo*] como o epítome do que a Alemanha não é. Nietzsche vincula “*Sul e Oriente*”⁴⁴, sobretudo em esboços de títulos para considerações sobre música como “Sul e Oriente. Uma palavra para Músicos”⁴⁵ ou “A música alemã. Sul e Oriente (dois suís: Veneza e Provença)”⁴⁶. Em BM o termo “supraeuropeu” ocorre apenas como caracterização para esta música do futuro. Esta música, antevê o livro, será uma música supragermânica, uma música na qual “Sul e Oriente” ressoem juntos⁴⁷.

⁴¹ Cf. ZA III, *O regresso*, KSA 4, pp. 231-234.

⁴² Cf. KSA 11; 26[317], loc.cit.

⁴³ KSB 7, n. 574, loc.cit.

⁴⁴ KSA 11; 36[51]/FP 1885 36[51].

⁴⁵ KSA 11; 42[1]/FP 1885 42[1].

⁴⁶ KSA 11; 40[70]/FP 1885 40[70].

⁴⁷ Cf. BM 255 e veja a nota 77. De acordo com a quarta *Extemporânea*, “os pensamentos de Wagner são como todos os bons e grande alemães – supragermânicos – e a língua de sua arte não fala para povos, mas para homens. Mas para os homens do futuro.” (WB 10/ CE IV, KSA 1, p. 505; Cf. KSA 8; 14[4].) Ainda, o aforismo BM 256 aponta: “se há algo pura e simplesmente alemão na arte wagneriana ou se sua distinção não deve advir propriamente de fontes e impulsos supragermânicos: nisto não pode ser subestimado o quanto precisamente Paris foi indispensável para a formação do seu tipo, [...]” – As considerações ‘mitológicas’ de Ernst Bertram sobre o “povo do norte no sul” e em relação à “atitude originária do mais nobre espírito alemão” durante a época do turismo de massa não passa sem uma comicidade involuntária. “A profunda transcendência interior de Nietzsche, seu pleno supragermanismo psíquico ‘ultramontanhês’, seu contragermanismo em um alto senso de si mesmo (ele enfatiza que ‘ser bom alemão significa se desalemanizar’, e vive da crença serena e segura de que Goethe concordaria com ele quanto a isso) – tudo tão pessoalmente refinado por ele, é, contudo, apenas uma simbólica e recorrente postura originária do mais nobre espírito alemão, da mais antiga tragédia alemã.” (BERTRAM.

Sul e Oriente são dois conceitos vagos, ou são ainda mais visões que conceitos, e ambos não são apenas intencionalmente vagos. Evidentemente Nietzsche tem em mente todas as variantes possíveis de Oriente – Índia e China, Pérsia e Arábia etc. Com toda a consciência das respectivas peculiaridades culturais, seu “Oriente” permanece uma designação coletiva, no sentido do orientalismo do século XIX⁴⁸. É fácil para o leitor tardio, e talvez não apenas para ele, rir do humor não intencional de algumas das suas observações sobre o supraeuropeu. Em uma carta da costa da Ligúria ele descreve “finalmente em uma única expressão, um pedaço dos pinhais tropicais com o qual se está fora da Europa, algo brasileiro, [...]”⁴⁹. Quanto à “Square des Phocéens”⁵⁰ em Nice, ele ri pelo fato de que, apesar do “imenso cosmopolitismo dessa combinação de palavras”, “ressoa, contudo, algo de vitorioso e supraeuropeu, algo muito reconfortante que me diz ‘*aquí estás em teu lugar*’”⁵¹. Esta tentativa muito alemã de reencontrar a África, o Brasil, e quem sabe mais o que, na Riviera ou na Côte d’Azur, revela Nietzsche no contexto do exotismo da sua época⁵². Todavia, seu conceito de supraeuropeu não se deixa reduzir. Ele vê, sobretudo, uma tarefa no supraeuropeu.

Tanto a sombra quanto Zaratustra são em parte alter egos de Nietzsche, embora nenhum deles seja equiparado a ele – nem a sombra com o Nietzsche jovem, nem Zaratustra com o Nietzsche maduro. Apesar disso, o “andarilho e sombra” é também uma cifra para o espírito livre do ciclo de HHI. Ali Nietzsche havia expressamente denominado o espírito livre como um bom europeu, e provavelmente por esta razão ele inicialmente também assim nomeou a sombra de Zaratustra. Em seguida, ele tomou distância disso. O termo permaneceu sem ser utilizado, e Nietzsche pôde usá-lo em referência a si próprio em BM. Já no prefácio ele o menciona em uma única vez: “nós, bons europeus e espíritos livres, muito livres”. Em

Nietzsche. Versuch einer Mythologie, 6. unver. Auflage. Berlin: Georg Bondi, 1922, p. 250. Sobre “supragermânicos” cf. o capítulo, Claude Lorrain’, ebd., p. 249 et seq. – Para Nietzsche, Goethe se inclui em especial entre os alemães supragermânicos. Cf. D. BORCHMEYER: ‘*Dichtung der Zukunft*’? Goethe, der *Überdeutsche*, im Bilde Nietzsches’. In: DI CHIARA, A. (Hrsg.) Friedrich Nietzsche 1900-2000, Genova, 2000, p. 196-215.

⁴⁸ Cf. SAID, E. W. *Orientalism. Western Conceptions of the Orient*. London: Penguin 1995 (dt.: *Orientalismus*, Frankfurt/M. 1981).

⁴⁹ KSB 7, n. 759/ Carta enviada a H. Köselitz, em 10.10.1886.

⁵⁰ Nice foi fundada por volta de 350 a.C. pelos gregos focenses, que vieram de regiões próximas à Massília (hoje Marselha). Além de Nice e Marselha, Phôkaia (atualmente, Foça) uma cidade jônica situada no Golfo de Esmirna na Anatólia, teria sido fundada entre muitas outras colônias.

⁵¹ KSB 7, n. 648; Carta enviada a H. Köselitz, em 24.11.1885.

⁵² Nietzsche, entretanto, negaria isso veementemente. Ele insiste que tais comparações são “muito precisas”. “Quando da viagem a Nice senti e vi claramente que por trás de Alassio algo novo começa, no ar, luz e cor: nomeadamente, o Africano. O termo é muito preciso: eu tirei tais julgamentos de um conhecedor primoroso da África. (Leia, por favor, o Nabab de Daudet: em um dos últimos capítulos deste romance há uma clara caracterização do Africano nesta costa.) Tudo cem vezes mais fino, delicado, claro, não-alemão e indiferente que a própria Gênova e seus arredores.” (KSB 7, n. 770, p. 274 et seq.; Carta enviada a H. Köselitz, em 31.10.1886.)

BM o bom europeu já não é mais uma cifra para o passado de Nietzsche, ele já não é mais um daqueles homens superiores que sofrem do niilismo europeu. Os bons europeus são agora mais semelhantes a Zaratustra do que à sua sombra: eles preparam os filósofos do *futuro*, aqueles que superarão o niilismo europeu.

Os bons europeus e o próprio Nietzsche têm muito em comum com a sombra de Zaratustra: como esses, Nietzsche refere-se a si mesmo como “apátrida” e como “andarilho”. “*Nós, os apátridas*” é o título do seu manifesto político e/ou a-político no quinto livro de GC. Esses “apátridas”, entre os quais o próprio Nietzsche se inclui, são os bons europeus.⁵³ Seus europeus do futuro não são apenas os cidadãos de uma entre as nações federadas de uma futura confederação da Europa. Nietzsche não tem em mente qualquer pátria da Europa – nem qualquer união de regiões da Europa. Os europeus do futuro são “apátridas” como ele próprio. À época do quarto *Zaratustra* o filósofo revela a seguinte intenção: “Fundamentalmente – não viver na Alemanha, porque [a] Missão [é] Europeia.”⁵⁴

Essa “missão Europeia” não requer apenas a decisão fundamental de não viver na Alemanha; ela requer ainda que ocasionalmente se olhe para a Europa a partir de uma distância: “Quero viver entre os muçulmanos por um bom tempo e, justamente lá, onde a sua fé está agora mais forte: então o meu juízo e minha visão serão bem aguçados para tudo o que é europeu. Penso que uma tal avaliação não se encontra fora da minha tarefa de vida.”⁵⁵ Anos depois Nietzsche denomina esta visão apurada para tudo o que é europeu *como* ‘sua visão supraeuropeia’.⁵⁶ Ele quer ampliar *seu* campo de visão e reduzir cada vez mais sua parcialidade ocidental. Uma “visão panorâmica oriental sobre a Europa” – ele retorna cada vez mais frequentemente a essa ideia após o quarto *Zaratustra*. Ele reflete sobre o par conceitual “Europeu e supraeuropeu”⁵⁷ e desenvolve a tarefa de uma visão supraeuropeia da Europa. Isto é o seu ideal: observar a Europa como se estivesse fora dela. No quinto livro da GC ele se compara com um andarilho que deve abandonar a cidade, se ele quiser lançar uma ampla visão

⁵³ Nietzsche foi de fato apátrida desde os 24 anos, quando ele imigrou para a Basileia, na Suíça, ou, como se dizia no antigo idioma oficial da Suíça, “heimatlos”. Cf. C. P. JANZ: *Friedrich Nietzsche. Biographie*, 3 vols. München: Carl Hanser Verlag, 1978, vol. 1, p. 263 et. seq.

⁵⁴ KSA 11; 29[4]/FP 1885 29[4].

⁵⁵ KSB 6, n. 88 / Carta enviada a H. Köselitz, em 13.3.1881.

⁵⁶ Nietzsche vê isso como um dos “postulados mais significativos da sua ausência de preconceitos (sua “visão supraeuropeia”)” que o amigo Deussen sempre o lembra repetidamente da filosofia indiana, “daquele único grande paralelo”, frequentemente não percebido pelos historiadores da filosofia, “que há com a nossa filosofia europeia.” (KSB 8, n. 969; Carta enviada a P. Deussen, em 3.1.1888) A isto corresponde sua opinião sobre Deussen: “O essencial (em minha visão) é que ele é o primeiro europeu que chegou perto do interior da filosofia indiana; [...]” (KSB 8, n. 903, Carta enviada a H. Köselitz, em 8.9.1887).

⁵⁷ KSA 12; 2[36] / FP 1885 [2]36. loc. cit.

em direção a ela.

Para em algum momento começar a observar a nossa moralidade europeia à distância, para medi-la em relação a outras moralidades, anteriores ou vindouras, deve-se fazer como um andarilho que quer saber quão altas são as torres de uma cidade: para isso ele abandona a cidade. “Reflexões sobre preconceitos morais”: caso estas não devam ser preconceitos sobre preconceitos, pressupõem uma posição fora da moral, um além do bem e do mal para onde se deve subir, escalar, voar. – e, no caso dado, de qualquer forma, um além do nosso bem e mal, uma liberdade de toda a Europa, esta última entendida como uma soma de juízos de valor dominantes, que nos foram legados em carne e sangue. [...]”⁵⁸

Aqui Nietzsche se refere duplamente à sua própria crítica moral: em BM e em *Reflexões sobre os preconceitos morais*, o subtítulo que foi então acrescentado à nova edição de *Aurora*. Ele redefine todo o seu objetivo de crítica moral, no sentido do supraeuropeu: *além do bem e do mal* não significa absolutamente além de *quaisquer* juízos de valor, mas além do bem e do mal *europeus*. Para realizar realmente uma crítica da moral, o filósofo deve primeiro transcender os juízos de valor por ele assimilados em carne e sangue da moral europeia e deles ganhar distância. Ele deve olhar retroativamente de longe para esta moral. Mas isto é realmente possível? Aqui Nietzsche se mostra consciente das dificuldades dessa tarefa: ele diz expressamente, “a questão é se realmente podemos ir lá para cima [para um *além do bem e do mal*; MB]”. Para um tal além do bem e do mal – aqui ele escreve na linguagem de parábola do *Zaratustra* – deve-se “elevar-se, subir, voar”.

Por mais idiossincrática que essa tarefa possa parecer, ela corresponde à caracterização geral da situação europeia no quinto livro da GC. “O maior acontecimento

⁵⁸ GC 380. Quando Nietzsche diz aqui que se deve deixar a ‘cidade’, ele não pensa apenas em viagens, mas principalmente em um conhecimento histórico de culturas ainda mais diversas. (Sobre este tema em Nietzsche, cf. CAMPIONI, G. “*Wohin man reisen muss.*“ *Über Nietzsches Aphorismus 223 aus Vermischte Meinungen und Sprüche*’, in: Nietzsche-Studien 16 (1987), p. 209-226.) Ele não compreende este abandono assim tão literalmente, como quando diz que não quer viver na Alemanha. No entanto, são conhecidos os seus planos temporários de passar alguns anos em um país islâmico. Mas há também expressões que apontam em uma direção diferente. Nietzsche sentiu um desgosto profundo pelos empreendimentos anti-semitas de sua irmã Elisabeth e de seu cunhado Bernhard Förster – a fundação da colônia “Nueva Germania” no Paraguai. Ele lutou fortemente contra as “artes de sedução” em suas cartas do Paraguai. (KSA 7, n. 780, p. 290, carta enviada a M. v. Meysenbug, em 13. 12. 1886). Deve-se ler as respectivas cartas que contêm as informações referentes à Europa neste contexto. “Pena que vocês tenham ido tão longe nisso! E eu – um “bom europeu profissional”, não teria de abandonar a Europa tão fácil como vocês! Na verdade, eu nem sequer tenho direito a isso.” (KSA 7, n. 741, p. 241; carta enviada a E. e B. Förster, em 2. September 1886.) (sic) “Não iria nem arrastado por dez cavalos para onde, se eu estou bem informado, nem mesmo uma boa biblioteca pode ser encontrada. [...] Como eu estou agora pela primeira vez na vida em confronto com a tarefa que eu devo cumprir, tenho a Europa como necessária, posto que ela é a sede da ciência na terra. Também não encontrei até agora quaisquer fundamentos disfarçados; e esses grandes movimentos e reviravoltas, que virão provavelmente nos próximos 20 anos irão me encontrar como um espectador cuidadoso e completamente bem preparado.” (KSB 7, n. 773, p. 277 et. Seq.; carta enviada a E. Förster, 3. 11. 1886.)

recente – o fato de que ‘Deus está morto’⁵⁹ – é “um acontecimento de toda a Europa”⁶⁰; “o incondicional e honesto ateísmo” é “enfim uma vitória duramente conquistada pela consciência europeia”; “devemos a este rigor, se é que devemos a alguma coisa, o fato de sermos bons europeus e herdeiros da mais longa e brava superação da Europa”. O precursor é Schopenhauer: ele colocou sua questão sobre o sentido da existência “como um bom europeu, [...] e não como alemão”; ele foi um pessimista “como bom europeu e não como alemão”⁶¹. Os bons europeus são “os herdeiros da Europa, os ricos [...] herdeiros de milênios do pensamento europeu: como tais, avessos ao cristianismo que temos superado”⁶². Assim, eles se colocam diante dos outros europeus (pelo menos) de duas maneiras: eles são supranacionais, cansados dos regionalismos europeus; mas sendo, sobretudo, herdeiros da moral Europeia, são aqueles que já vivenciam a sua queda e a antecipam. Pois após a morte de Deus, “toda a nossa moralidade europeia” deve também entrar em colapso⁶³. Os bons europeus são os apátridas que se preparam para olhar para a agora declinante moral europeia como se estivessem de longe.

Os bons europeus devem ser capazes de, pelo menos “temporariamente” “também pensar *de forma* supraeuropeia”⁶⁴. Nietzsche vê na Europa, se não exatamente uma tradição de transgressão, pelo menos algumas figuras que se elevaram rumo a essa visão supraeuropeia. Há homens tão heterogêneos como Schopenhauer, Leonardo da Vinci e até mesmo Frederico II que era “cobiçoso” pelo “Iluminismo mourisco oriental”⁶⁵. Schopenhauer foi “em seu tempo [...] talvez o alemão melhor formado com horizontes europeus: há instantes mesmo em que ele vê com olhos orientais.”⁶⁶ Portanto, os olhos orientais de Schopenhauer são capazes de olhar apenas em momentos isolados para além do horizonte europeu. Leonardo da Vinci vai muito mais longe: “Leonardo da Vinci [...] teve uma visão realmente supracristã. Ele conhece ‘o Oriente’, tão bem por dentro quanto por fora. Há algo de supraeuropeu e de reservado nele, como aquilo que distingue todo aquele que viu um círculo muito grande de coisas boas e ruins.”⁶⁷

Schopenhauer vê, em certos momentos, “com olhos orientais”, Leonardo tem “uma

⁵⁹ GC 343.

⁶⁰ GC 357.

⁶¹ *ibidem*.

⁶² GC 377.

⁶³ GC 343.

⁶⁴ KSA 11; 35[9] / FP 1885 35[9].

⁶⁵ KSA 11; 35[66] / FP 1885 35[66].

⁶⁶ KSA 11; 34[150] / FP 1885 34[150].

⁶⁷ KSA 11; 34[149] / FP 1885 34[149].

visão realmente supracristã”; em BM Nietzsche refere-se a si mesmo como uma hipérbole superadora de ambos: ele teria enxergado, como nos indica no conhecido aforismo sobre o “*circulus vitiosus deus*”, “com uma visão asiática e supra-asiática, por dentro e profundamente, o que há de mais negador do mundo entre todas as formas possíveis de pensamento [...] – além do bem e do mal, e não mais, como Buda e Schopenhauer, sob o encanto e ilusão da moral”⁶⁸. Não apenas Schopenhauer com a “estreiteza e ingenuidade meio cristã, meio alemã” do seu pessimismo, [*mas*] também o olhar asiático de Buda ainda estaria preso no “encanto e ilusão da moral”; a perspectiva “além do bem e do mal” supera, portanto, não apenas a moral Europeia, [*ela*] não seria apenas uma perspectiva supraeuropeia, mas ainda mesmo uma posição “supra-asiática”. “Supra-asiático” representa, neste sentido, em comparação a “supraeuropeu”, uma elevação. E justamente por esse olhar “supra-asiático” sobre “o que há de mais negador do mundo entre todas as formas possíveis de pensamento”, teria Nietzsche, “sem que ele quisesse propriamente, aberto seus olhos para o ideal contrário, para o ideal do homem mais impetuoso, mais vivo e mais afirmador” que tudo “como foi e é, quer ter de novo” e que clama “insaciavelmente *da capo*” pelo eterno retorno do mesmo. Este ponto de vista parece ir ainda mais além do que a visão pessimista daquelas “vis[ões] asiática e supra-asiática”⁶⁹.

BM enfatiza o caráter supranacional do europeu do futuro. Isto aqui aparece como uma natureza sintética. Nietzsche vê já em sua época “os sinais mais inequívocos” de que “*a Europa quer se tornar uma.*” “Entre os homens mais profundos e expansivos⁷⁰ deste século, o

⁶⁸ BM 56.

⁶⁹ *ibidem*. Em um apontamento sobre o pessimismo alemão Nietzsche diz de forma semelhante ao que consta no aforismo 56 que para suportar o seu próprio “extremo pessimismo (como ele ressoa aqui e ali em *O Nascimento da Tragédia*)”, ele teve de “inventar uma contrapartida”. Ele primeiro explica como conseguiu chegar à sua própria forma de pessimismo: “e eu me precavi em tempo oportuno de uma espécie de pesar, diante da estreiteza alemã e cristã e da imprecisão decorrente do pessimismo schopenhauriano, ou mesmo do leopordiano, e busquei as suas formas elementares na (– Ásia –).” (KSA 11; 36[49] / FP 1885 36[49]).

⁷⁰ N.T.: No original: “[...] Bei allen tieferen und umfänglicheren Menschen dieses Jahrhunderts [...]” (KSA 5, p. 201) Na tradução de SOUZA, citada na nota 5, verifica-se: “[...] Em todos os homens mais amplos e profundos deste século, [...]” (op. cit., p. 149) O adjetivo *umfänglich*, que designa extenso (*umfangreich*), duradouro (*langdauernd*), extensivo (*extensiv*) e amplo, abrangente (*umfassend*) é indicado como característica intrínseca do bom europeu. A aludida nota apresenta ainda a tradução de *umfänglich* como “abrangente”, no FP 1885 41[7] – KOTHE e CASANOVA. Na presente tradução, contudo, buscou-se enfatizar o caráter de movimento de *umfänglich* a partir do seu sinônimo *umfangreich* (“extenso”, “de grande envergadura”), já que o substantivo correspondente, *Umfang*, designa “extensão”, “expansão”, “dimensão” (todos também designados por *Ausdehnung*). No caso de BM 256, observa-se que Nietzsche destaca do sujeito (“homens”) a sua atividade de preparação do europeu do futuro, caracterizando tais homens em seu caráter criativo de preparação das condições para o aparecimento e antecipação do europeu do futuro. Isto confere um certo movimento de expansão (*Ausdehnung*) duradoura (*langdauernd*) para as gerações futuras a essa propriedade. Assim, buscou-se, com o termo “expansivo” (*ausgedehnt*), designar tal propriedade criativa na presente tradução. Cf. DUDEN. *Das*

sentido propriamente fundamental e geral da misteriosa obra das suas almas foi preparar o caminho para aquela nova *síntese* e antecipar experimentalmente o europeu do futuro: [...]”.⁷¹ O europeu do futuro é uma nova síntese, uma síntese supranacional. Esta síntese não está completamente concluída; pois depende de muitas e mais novas sínteses e superações. Nietzsche projeta uma verdadeira escala hierárquica de expansões sucessivas do espírito. Deve-se “tornar, passo a passo, cada vez mais superficial, supranacional, europeu, supraeuropeu, oriental, enfim, *grego*”.⁷² O bom europeu, aquele que se libertou da sua estreiteza nacional, é assim apenas um primeiro nível. Torna-se “supranacional” e então “europeu”. Mas é preciso ir ainda além disso. A Europa também é ainda uma limitação e deve-se, pelo menos provisoriamente, libertar-se disso. É preciso tornar-se ainda supraeuropeu, oriental e, finalmente, *grego*.⁷³ “Supraeuropeu” é aqui um nível preparatório para “oriental”; a perspectiva oriental é evidentemente mais abrangente. Mas por que “finalmente *grego*”? Por que Nietzsche compreende o europeu e o supraeuropeu como meras etapas rumo à reapropriação da experiência de vida grega antiga e, em particular, da dionisíaca? Já no quarto *Zarathustra* ele teria anotado: “até então, após uma longa visão cosmopolita, o grego como homem, que levou isso ao mais longe possível. Europa”.⁷⁴ Também o fragmento 41[7] começa com uma crença resoluta quanto à primazia dos gregos e, especialmente, do dionisíaco. Este seria o “símbolo da mais elevada afirmação do mundo e transfiguração da existência que houve até então sobre a terra”.⁷⁵ Nietzsche opõe sua visão *dionisocêntrica*⁷⁶ a um etnocentrismo contemporâneo mais limitado. Esta nova e não clássica expressão da helenofilia ocidental permanece, em si, naturalmente etnocêntrica. É interessante um aspecto das razões de Nietzsche: é necessário, segundo ele, “passo a passo tornar-se cada vez mais superficial, supranacional, europeu, supraeuropeu, oriental, enfim, *grego* – pois o grego foi a primeira conexão e síntese de tudo o que é oriental e, precisamente com isto, o *início* da alma europeia,

Stilwörterbuch. 9. Auflage. Berlin: Dudlenverlag, 2010 e LANGENSCHIEDT. *Taschenwörterbuch Portugiesisch*. Berlin-München: Langenscheidt Wörter, 2011.

⁷¹ BM 256.

⁷² KSA 11; 41[7] / FP 1885 41[7]. Para a forma de arte filosófica da enumeração que Nietzsche usa para identificar seus espíritos livres, cf. MAINBERGER, Sabine. *Die Kunst des Aufzählens. Elemente zu einer Poetik des Enumerativen*, Berlin-New York: W. de Gruyter, 2002, esp. p. 74 et seq.

⁷³ KSA 11; 41[7], loc. cit.

⁷⁴ KSA 11; 26[353] / FP 1884 26[353]. O jovem Nietzsche usa o termo “supra-helênico”. Ele denomina o “Estado de Platão” como supra-helênico, como [algo] não impossível” (KSA 7, 29[170] / FP 1873 29[170]). Heráclito, por seu turno, pensa em uma ordem do mundo que é supra-helênica”; ele luta “contra o mito”, na medida em que este “isola os gregos e os contrapõe aos bárbaros.” (KSA 8, 6[50] / FP 1875 6[50]).

⁷⁵ KSA 11; 41[7], loc. cit.

⁷⁶ N.T.: No original: “seine dionysoszentrische Blickweise”. (BRUSOTTI, op. cit., p. 47)

a descoberta do *nosso 'novo mundo'*”.⁷⁷ O Nietzsche filólogo clássico não vê assim no “início da alma europeia” algo próprio, intrínseco, que distingue os europeus desde o início; ele não vê qualquer essência supraeuropeia, mas uma síntese de estrangeiros aparentes, uma “síntese de tudo o que é oriental”.

Já na *Filosofia na Idade Trágica dos Gregos*, ele tinha admirado nos gregos a “arte de aprender dando frutos” e a teria recomendado aos seus contemporâneos. “Não há nada mais absurdo do que atribuir aos gregos uma cultura autóctone; pelo contrário, eles absorveram a cultura viva de todos os outros povos, e chegaram tão longe precisamente porque compreenderam como continuar a arremessar a lança onde um outro povo a tinha deixado”⁷⁸. O Nietzsche de *O Nascimento da Tragédia* considera o dionisíaco como sua origem asiática, como um elemento asiático que os gregos apolíneos incorporaram à tragédia e o transformaram em um novo contexto.

Agora, de volta ao Fragmento Póstumo 41 [7]: para se reapropriar daquela “síntese” grega “de tudo o que é Oriental” e, em particular, do dionisíaco, é preciso que os bons europeus – uma síntese em si – se elevem até uma perspectiva supraeuropeia. Eles não devem limitar-se a recombinar e “sintetizar” elementos europeus se eles desejam se aproximar novamente do dionisíaco. Também assim na música: até a música do futuro, que Nietzsche tem em mente é tão dionisíaca quanto “supraeuropeia”⁷⁹. O bom europeu não é apenas supranacional, mas em última consequência, pelo menos por alguns momentos, também “supraeuropeu”.

Teria Nietzsche correspondido [*aos requisitos*] desta pretensão? Sua idealização do Oriente com inclinações antidemocráticas e misóginas, o exotismo de suas reflexões sobre o Sul e o Oriente, sua recepção da filosofia indiana influenciada por Schopenhauer fazem com que isso pareça questionável. Com tudo isso, porém, ele permanece com seu interesse em um dos modelos daquele olhar à distância, daquela etnologia do ocidente que ainda se encontra a frente de nós como tarefa.

⁷⁷ KSA 11; 41[7], loc. cit.

⁷⁸ PGH, 1 KSA 1, p. 806. FTG 1.

⁷⁹ “Um tal meridional, não por linhagem, mas por crença, caso sonhe com o futuro da música, deve sonhar também com a sua redenção do norte, e ter em seu ouvido o prelúdio a uma música mais profunda, mais poderosa, talvez mais má e misteriosa, a uma música supragermânica que, à vista do mar azul e voluptuoso e da claridade mediterrânea do céu, não se emudeça, não amareleça, não se desvaneça, como o faz toda música alemã, a uma música supraeuropeia, que se mantenha firme, ainda que diante dos brônzeos ocasos do deserto, cuja alma seja semelhante à palma, e se sinta em casa entre grandes e belos solitários animais de rapina, e saiba vagar ... Eu poderia pensar em uma música cuja mais rara magia seria nada mais saber de bem e mal, apenas que talvez aqui e ali sobre ela corresse longe alguma saudade de barqueiro, alguma sombra dourada e suaves fraquezas: uma arte que visse de uma grande distância as cores de um declinante, [e] tornado quase incompreensível mundo moral fugirem de si, e que fosse hospitaleira e bastante profunda para a recepção desses refugiados tardios. – (BM 255)

Referências bibliográficas

- BERTRAM, E. *Nietzsche: Versuch einer Mythologie*. Berlin: Georg Bondi, 1922.
- BORCHMEYER, D. “Dichtung der Zukunft“? Goethe, der Überdeutsche, im Bilde Nietzsches'. In: DI CHIARA, A. (Hrsg.) *Friedrich Nietzsche 1900-2000*. Genova, 2000, p. 196-215.
- BRUSOTTI, M. “Europäisch und über-europäisch” Nietzsches Blick aus der Ferne. *Tijdschrift voor Filosofie*, 66ste Jaarg., Nr. 1 (EERSTE KWARTAAL 2004), pp. 31-48.
- _____. *Die Leidenschaft der Erkenntnis. Philosophie und ästhetische Lebensgestaltung bei Nietzsche von Morgenröthe bis Also sprach Zarathustra*. Berlin/New York: W. de Gruyter, 1997.
- _____. „Opfer und Macht. Zu Nietzsches Lektüre von Jacob Wackernagels „Über den Ursprung des Brahmanismus““. In: *Nietzsche-Studien* 22 (1993), pp. 222-242.
- CAMPIONI, G. “Wohin man reisen muss.“ Über Nietzsches Aphorismus 223 aus *Vermischte Meinungen und Sprüche*' In: *Nietzsche-Studien* 16, 1987, p. 209-226.
- DUDEN: *Das Stilwörterbuch*. 9. Auflage. Berlin: Dudenverlag, 2010.
- JANZ, C. P. *Friedrich Nietzsche. Biographie, 3 vols*. München: Carl Hanser Verlag, 1978.
- LANGENSCHIEDT: *Taschenwörterbuch Portugiesisch*. Berlin-München: Langenscheidt Wörter, 2011.
- MAINBERGER, S. *Die Kunst des Aufzählens. Elemente zu einer Poetik des Enumerativen*. Berlin-New York: W. de Gruyter, 2002.
- NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- _____. *Fragmentos do espólio: primavera de 1884 a outono de 1885*. Seleção, tradução e prefácio de Flávio R. Kothe. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- _____. *Fragmentos póstumos: 1885-1885: volume V*. Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- _____. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. München: Deutscher Taschenbuch-Verlag, 1980.

_____. *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe.* München: Deutscher Taschenbuch-Verlag, 1986.

ORSUCCI, A. *Orient-Okzident. Nietzsches Versuch einer Loslösung vom europäischen Weltbild.* Berlin/New York: W. de Gruyter, 1996.

SAID, E. W.: *Orientalism: Western Conceptions of the Orient.* London: Penguin, 1995.